

ENSAIO SOBRE O PRESENTE

Por Vinícius Marinho

O presente parece, à primeira vista, o mais simples dos tempos. O passado já aconteceu, o futuro ainda não chegou, e o presente seria aquilo que existe entre ambos. Entretanto, basta tentar apreendê-lo para que sua aparente simplicidade desapareça. O instante que se pretende chamar de presente imediatamente se converte em passado; aquilo que há pouco era futuro torna-se presente e, quase simultaneamente, deixa de sê-lo. O ser humano encontra-se, assim, diante de um paradoxo: toda a sua vida acontece no presente, mas o presente é precisamente aquilo que jamais consegue conservar.

Essa tensão entre permanência e passagem atravessa a história da filosofia. De Heráclito a Santo Agostinho, dos estoicos a Nietzsche, de Pascal a Heidegger, Sartre e Camus, diferentes pensadores procuraram compreender não somente o que é o presente, mas, sobretudo, o que significa viver verdadeiramente nele.

Em Heráclito encontra-se uma das primeiras grandes formulações dessa questão. Para o filósofo de Éfeso, a realidade caracteriza-se pelo devir, isto é, pelo movimento e pela transformação. A imagem tradicionalmente associada ao seu pensamento é a do rio: não seria possível entrar duas vezes no mesmo rio porque, na segunda ocasião, outras águas já estariam correndo e aquele que nele entra também já não seria exatamente o mesmo.

O valor dessa concepção para a compreensão do presente é profundo. O instante não constitui uma realidade imóvel colocada entre dois tempos. O presente é transformação. Aquilo que existe encontra-se, simultaneamente, deixando de ser aquilo que era e tornando-se outra coisa. A vida, portanto, não acontece apesar da mudança; ela acontece precisamente como mudança.

Essa percepção produz uma primeira consequência existencial: apegar-se à permanência absoluta significa resistir à própria estrutura da realidade. Pessoas

mudam, relações se transformam, corpos envelhecem, circunstâncias desaparecem, projetos terminam e outros começam. O presente constitui o ponto no qual essas transformações efetivamente se realizam.

Os estoicos, séculos depois, transformariam a questão temporal em um problema eminentemente ético. Em autores como Epicteto, Sêneca e Marco Aurélio, o essencial não consiste simplesmente em saber o que é o presente, mas em compreender o que o indivíduo deve fazer com ele.

O estoicismo distingue aquilo que depende do indivíduo daquilo que não depende dele. Não estão integralmente sob seu domínio os acontecimentos externos, a opinião dos outros, os acidentes, a fortuna, a doença ou a morte. Encontram-se, contudo, sob seu domínio seus juízos, escolhas e atitudes diante dessas circunstâncias.

Daí decorre a centralidade do presente. O passado encontra-se fora do alcance da vontade porque já ocorreu. O futuro também não pode ser inteiramente controlado porque depende de acontecimentos que ainda não se realizaram. Somente no instante presente existe a possibilidade concreta de decidir como agir.

Marco Aurélio sintetiza essa ideia ao afirmar que o homem deve recordar que “cada um vive apenas o presente, este instante fugaz”. A afirmação não recomenda irresponsabilidade quanto ao futuro nem esquecimento do passado. Significa apenas reconhecer que memória e planejamento somente possuem eficácia quando convertidos em uma ação presente.

Nesse sentido, existe grande diferença entre pensar o futuro e viver no futuro. Planejar é um ato realizado no presente; angustiar-se incessantemente com aquilo que ainda não existe significa sacrificar uma realidade efetiva em favor de uma hipótese. Da mesma maneira, recordar o passado pode produzir aprendizado; permanecer psicologicamente aprisionado nele significa entregar o único momento disponível a acontecimentos sobre os quais já não existe possibilidade de intervenção.

Essa dificuldade humana foi percebida de maneira particularmente aguda por Blaise Pascal. Nas *Pensées*, Pascal observa que o pensamento humano se encontra continuamente deslocado para aquilo que passou ou para aquilo que ainda acontecerá. Escreve que, examinando os próprios pensamentos, verifica-se que eles estão quase sempre ocupados com o passado ou com o futuro e que “quase nunca pensamos no presente”. Mais adiante, conclui: “**Assim, nunca vivemos, mas esperamos viver**”.

A observação permanece extraordinariamente atual. O indivíduo frequentemente condiciona sua própria vida a um acontecimento futuro: quando concluir determinado projeto, quando alcançar determinada condição econômica, quando resolver determinado problema, quando obtiver reconhecimento, quando chegar determinada data. Cada conquista, porém, tende a produzir uma nova expectativa. A vida torna-se uma sucessão de preparações para uma existência que aparentemente começará depois.

Pascal identifica ainda o *divertissement*, geralmente traduzido como divertimento ou distração, como um mecanismo utilizado pelo homem para evitar o confronto consigo próprio. Não se trata simplesmente de entretenimento. Trata-se da necessidade permanente de ocupação, movimento e estímulo, porque o silêncio e a ausência de distração obrigariam o indivíduo a confrontar sua condição, sua fragilidade e sua mortalidade.

Se Pascal identifica a tendência humana de escapar do presente, Santo Agostinho investiga uma questão ainda mais radical: afinal, o que é o tempo?

No Livro XI das *Confissões*, Agostinho formula uma das mais célebres perplexidades da filosofia: quando ninguém lhe pergunta o que é o tempo, parece sabê-lo; quando precisa explicá-lo, já não sabe. Sua investigação conduz à constatação de que passado e futuro possuem uma existência problemática. O passado já não existe; o

futuro ainda não existe; e o próprio presente, caso permanecesse indefinidamente presente, já não seria tempo, mas eternidade.

A solução agostiniana desloca a reflexão para a consciência. Em passagem fundamental, afirma que talvez fosse mais apropriado falar em três presentes: **“o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes e o presente das coisas futuras”**; em seguida, associa esses três modos à “memória”, à “visão” e à “expectativa”.

Essa concepção permite compreender que o ser humano nunca abandona completamente o passado nem deixa de antecipar o futuro. Ambos são incorporados à experiência presente. O passado existe agora como lembrança; o futuro existe agora como expectativa. **Assim, viver o presente não significa apagar a memória ou renunciar aos projetos. Significa perceber que ambos somente podem ser experimentados a partir do agora.**

Essa compreensão aproxima-se, sob outro fundamento, da filosofia de Henri Bergson. Para Bergson, o tempo vivido não corresponde simplesmente ao tempo dos relógios. O relógio fragmenta o tempo em unidades homogêneas – segundos, minutos, horas –, mas a consciência não experimenta a existência dessa maneira. Existe uma duração, na qual os momentos se interpenetram.

Uma hora de sofrimento não possui psicologicamente a mesma duração de uma hora de felicidade, embora ambas tenham exatamente sessenta minutos. O presente humano, portanto, não é um ponto matemático. Ele carrega consigo a memória daquilo que ocorreu e encontra-se impregnado de expectativas acerca daquilo que acontecerá.

Na filosofia existencial de Martin Heidegger, a consciência da morte não deve ser entendida apenas como constatação biológica. A morte representa a possibilidade incontornável que delimita todas as demais possibilidades humanas. Daí o conceito de ser-para-a-morte.

O indivíduo que reconhece verdadeiramente sua finitude percebe que suas possibilidades não são infinitas. Existem escolhas que precisam ser realizadas, caminhos que inevitavelmente excluem outros e oportunidades que deixam de existir. A consciência da morte, longe de retirar sentido do presente, pode precisamente conferir-lhe seriedade.

A finitude transforma o tempo em valor.

Se houvesse tempo infinito para tudo, nenhuma decisão precisaria ser tomada agora. Toda escolha poderia ser adiada. É justamente porque a existência é limitada que o instante exige posicionamento.

Em Jean-Paul Sartre, essa exigência manifesta-se pela liberdade. O ser humano encontra-se inserido em condições que não escolheu: nasce em determinada época, sociedade e família, recebe determinado corpo e enfrenta acontecimentos independentes de sua vontade. Entretanto, dentro dessa facticidade, precisa escolher.

O presente constitui, portanto, o lugar concreto no qual a existência se transforma em decisão. O indivíduo não é somente aquilo que lhe aconteceu. Ele também é aquilo que faz com aquilo que lhe aconteceu.

Essa concepção impede que o passado se transforme em sentença absoluta. Certamente ele condiciona o presente, mas não elimina inteiramente a possibilidade de escolha. Cada instante contém, em alguma medida, uma abertura para aquilo que ainda poderá ser.

Albert Camus, por sua vez, coloca a experiência presente diante do absurdo. O homem deseja encontrar unidade, finalidade e explicação definitiva para a existência, mas o mundo não necessariamente oferece essas respostas. Surge daí o absurdo: o confronto entre a necessidade humana de sentido e o silêncio do mundo.

A resposta de Camus, entretanto, não consiste em abandonar a vida. Ao contrário, consiste em vivê-la com lucidez. A imagem de Sísifo, condenado a empurrar

eternamente uma pedra montanha acima apenas para vê-la novamente cair, representa uma existência que não recebe do universo uma finalidade transcendente pronta. **Ainda assim, Sísifo continua.**

O presente, nessa perspectiva, não precisa ser justificado por uma recompensa futura para possuir valor. A experiência de viver pode ser afirmada mesmo diante da ausência de respostas finais.

A reflexão filosófica sobre o presente conduz, portanto, a uma conclusão paradoxal. O presente é extremamente pequeno enquanto unidade cronológica e, simultaneamente, imenso enquanto dimensão existencial. Ele desaparece no momento em que se tenta apreendê-lo, mas nele se encontram memória, expectativa, decisão, responsabilidade, liberdade e ação.

Heráclito recorda que tudo passa. Agostinho demonstra que passado e futuro somente alcançam a consciência mediante o presente. Os estoicos ensinam que apenas o instante atual oferece espaço efetivo para a ação. Pascal adverte que o homem frequentemente desperdiça esse instante esperando começar a viver no futuro. Heidegger mostra que a finitude torna cada possibilidade preciosa. Sartre coloca sobre o indivíduo a responsabilidade da escolha. Camus demonstra que a vida pode ser vivida mesmo sem uma resposta definitiva acerca de seu sentido.

Viver o presente, portanto, não significa ignorar aquilo que passou nem agir como se o futuro não existisse. O passado fornece experiência, identidade e memória; o futuro oferece direção, esperança e projeto. O equívoco surge quando um deles ocupa inteiramente o espaço destinado à vida concreta.

O passado deve instruir o presente, não aprisioná-lo. O futuro deve orientá-lo, não substituí-lo.

Talvez a grande lição filosófica acerca do tempo possa ser formulada de maneira simples: **a vida humana somente possui três relações temporais, mas apenas**

uma oportunidade de ação. O indivíduo recorda o passado, imagina o futuro, porém somente age no presente.

O presente não é, portanto, apenas aquilo que existe entre ontem e amanhã. É o lugar em que a memória pode ser compreendida, o futuro pode ser preparado, a liberdade pode ser exercida e a existência pode efetivamente acontecer. **Por isso, embora seja impossível deter o instante, é possível decidir como habitá-lo.**

E talvez seja justamente essa a tarefa mais difícil da existência: compreender que aquilo que tantas vezes se espera encontrar amanhã — a ocasião de viver, escolher, mudar, dizer, começar ou simplesmente existir — somente poderá acontecer no único tempo que efetivamente foi entregue ao homem: o agora.

BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, Santo. *The confessions of Saint Augustine*. Tradução de Edward Bouverie Pusey. Project Gutenberg, [s. d.]. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/3296>.

AURÉLIO, Marco. *The meditations*. Tradução de George Long. The Internet Classics Archive, [s. d.]. Obra originalmente escrita aproximadamente em 167 d.C. Disponível em: <https://classics.mit.edu/Antoninus/meditations.html>.

PASCAL, Blaise. *Pascal's Pensées*. Project Gutenberg, 2006. Disponível em: <https://www.gutenberg.org/ebooks/18269>.

BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa: Edições 70, 1988.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2018.

EPICTETO. *Manual de Epicteto*.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2014.

SÊNECA. *Sobre a brevidade da vida*.